

FÓRUM PERMANENTE DA PAISAGEM: BACIA PIRAJUSSARA (MÓDULO 1) LAB. ESPAÇO – LABORATÓRIO DO ESPAÇO: HISTÓRIA, GESTÃO E PROJETO, FAUUSP

Euler Sandeville Jr.

O Fórum Permanente da Paisagem: Bacia do Pirajussara foi aprovado e realizado no âmbito do Laboratório do Espaço: História, Gestão e Projeto¹, simultaneamente à concepção, ainda preliminar, de um projeto de pesquisa-ação nessa região², e decorreu da ação de inúmeras pessoas sem qualquer vínculo com a universidade³.

Partilhamos, no laboratório, um desejo de caminhos coletivos de trabalho, sem perder, com isso, especificidades, diferenças, divergências. Porém, temos muitas dificuldades para avançar nessa direção. Daí, a pesquisa a que o Fórum se refere é uma intenção, entre outras coisas, que serão apresentadas, de criar esses espaços de ação e pensamento coletivo. Também devo deixar claro que ainda estamos muito longe dessa perspectiva.

Fórum da Paisagem é a designação para um formato de palestras, oficinas, discussões e debates sobre as questões da paisagem. Foram realizados, a partir de maio de 2005, sete fóruns⁴: Arte e Paisagem⁵, Praça e Cidade⁶, Paisagens da Resistência⁷, Água na Paisagem Urbana – Um Novo Enfoque de Projeto⁸, Tombamento da Serra do Mar – Paisagem, Cultura e Natureza⁹, Participação e

pós-
223

Crédito: Arte de Euler
Sandeville Jr.



Movimento Social¹⁰ e Fórum Permanente da Paisagem – Bacia do Pirajussara, aqui relatado.

O Fórum Bacia do Pirajussara inovou e avançou sobre o formato dos fóruns anteriores, na medida em se propôs como um fórum permanente, com a participação de instituições de pesquisa, associações de moradores, órgãos da administração pública, no debate de questões da maior importância, e polêmicas em curso na região. Seu primeiro módulo, que ocorreu em novembro e dezembro de 2006, reuniu três mesas de debates com participação de 13 palestrantes, conversa em roda e experiência de errância ou deriva urbana¹¹, a fim de contribuir para o conhecimento crítico da problemática atual da região, trazendo para a universidade a necessidade de participar do debate sobre o destino próximo da região.

Esse fórum foi concebido para ser um dos instrumentos e, ao mesmo tempo, já um resultado de projeto de pesquisa-ação¹², o qual se organiza/pensa-se-organizar no LABESPAÇO. Trata-se da construção processual desse projeto de pesquisa, associando “ensino e extensão”. **O projeto assume a cidade como o ambiente privilegiado de formação do arquiteto e urbanista e pensa a pesquisa como um processo coletivo e aberto de construção do conhecimento, em um campo complexo de contradições.**

As mesas-redondas, abertas à participação de todos os interessados, ocorreram na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, a partir das 18h30, ultrapassando em muito o horário previsto, até quase às 22 horas, pelo vivo interesse das discussões ocorridas.

A primeira mesa tratou da “Operação Urbana Vila Sônia” (23/11), tendo como convidados Candido Malta Campos (FAUUSP), Lucila Lacrete (CMPU/União Butantã), Nabil Bonduki (FAUUSP), Pedro M. Rivaben Sales (Sempla), com mediação do professor Nuno Azevedo Fonseca. Discutiram a pertinência e implicações da operação urbana em questão, interfaces entre problemáticas locais e regionais, sistemas de gestão e participação nas decisões sobre a cidade, e suscitou um vivo debate, em alguns momentos carregados de antagonismos, com representantes de moradores que se opõem à operação.

As demais mesas também apresentaram uma intensa participação, mas reuniram um público mais específico e menor, funcionando como seções de trabalho. “Cidade e Cidadania” (27/11) reuniu como convidados Aline Sasahara Coutinho (AMAPAR), Diva Nunes (Movimento



Crédito: Foto de Débora Teixeira

Moradia Cohab Raposo Tavares), Djalma Kutxfara (Comissão de Enchente do Pirajussara e Poá), Marcia Varioletti (ASSEC) e Solange Santos Sanchez (subprefeitura do Butantã/Sup. Planejamento Urbano), com mediação do professor Euler Sandeville. O objetivo foi discutir a cidade como um espaço vivencial, cuja construção demanda a participação social, a transparência e acesso à informação, o conhecimento empírico das questões locais a par da compreensão da estrutura



Crédito: Foto de Euler Sandeville Jr.



Crédito: Foto de Débora Teixeira



Crédito: Foto de Euler Sandeville Jr.

urbana. Propunha-se essa discussão a integrantes de lideranças de associações de moradores na bacia do Pirajussara, a partir de visões da cidade e dos projetos políticos abraçados por essas associações. A presença de representante da subprefeitura, ao contrário da reunião anterior, não suscitou antagonismos, mas permitiu, ainda assim, um debate interessante e um conhecimento melhor das condições institucionais de gestão da cidade.

A mesa-redonda “Como aprender juntos?” (28/11, parafraseando criticamente a Bienal de São Paulo daquele ano), em certo sentido, deu continuidade ao processo da mesa anterior. Participaram como convidados Alexandre Rathsan (secretário executivo – Bacias Irmãs), Ana Elisa Siqueira (diretora – EMEF D. Amorim Lima), Cesar Pegoraro (SOS Mata Atlântica), Silvia Pompéia (ABDL), com mediação do professor Euler Sandeville. Colocou-se em questão projetos de ensino, capacitação, educação ambiental, centrados na compreensão e transformação das questões urbanas e ambientais, desenvolvidos por instituições públicas ou não, em parceria com segmentos da sociedade civil. Propunha-se como indagação a relação entre conhecimentos técnico-científicos e necessidades sociais, a contribuição das instituições de ensino e pesquisa, a partir de processos participativos que possibilitem acesso aos conhecimentos acadêmicos e sejam, assim, vetores de sua transformação e reconstrução.

Além desses debates, foi realizada uma oficina no dia 02/12, no período da tarde, a qual consistiu em uma experiência de deriva (errância) urbana, que são percursos pela cidade. Apesar das dificuldades operacionais, sua realização devia evidenciar alguns aspectos centrais das questões conceituais em torno do projeto de pesquisa. Possibilitou, como ensaio, um conhecimento empírico de aspectos da realidade urbana e das condições de vida, das especificidades, potencialidades e contradições perceptíveis na vivência do espaço urbano, como fundamento necessário para qualquer proposta de discussão e de projeto da cidade. Nesse percurso, concebido em colaboração de Euler Sandeville, Lucia Campos, Aline Sassahara e Sergio Reze (AMAPAR) e cooperação de Thea Standerski (mestranda,



Crédito: Foto de Euler Sandeville Jr.

intitulada Aprender para a Cidade, aberta a todos os participantes dessa edição do fórum. Seu objetivo era fundamental: contribuir para a reflexão sobre o projeto em elaboração no LABESPAÇO e para um balanço das questões enfrentadas no decorrer do fórum, visando auxiliar na constituição de uma pauta de questões a serem melhor colocadas. Pauta que tem por finalidade contribuir com um direcionamento do projeto para 2007.

O objetivo é adotar, em 2007, a bacia do Pirajussara como base privilegiada dessa pesquisa que, por meio do fórum e de outros procedimentos, abre-se à contribuição de alunos, professores e moradores os quais, participando dessas atividades, podem redirecionar sua estruturação, entendida como um processo permanente¹³.

Podemos falar de três **modos de ver** o objetivo estruturador desse projeto. Como objetivo didático-pedagógico, **adotar a cidade como espaço privilegiado de aprendizagem e formação do arquiteto**. Como objetivo de conhecimento, reconstruir esse corpo de conhecimentos e a experiência didática, a partir da aprendizagem direta da vivência da cidade e da interface empírica da universidade, com diversas instâncias sociais de sua produção (na perspectiva de uma teoria crítica da produção do espaço e das possibilidades de intervenção em seus destinos). Como objetivo de extensão, partilhar, nesse processo de reestruturação do conhecimento, os saberes produzidos na universidade com pessoas, grupos sociais e instituições, visando à **transformação desses saberes** e a capacitação conjunta (universidade-sociedade) para gestão do espaço urbano, subsidiando e colaborando em processos de decisão e projeto. Mas é exatamente aí que, ao invés de transmitirmos, aprendemos.

Duas considerações sobre o objetivo da pesquisa. Primeiro, é evidente, nessa forma de postular o objetivo, a dependência, a assimilação da tricotomia clássica atual da universidade¹⁴. Segundo, não se trata efetivamente de três objetivos a relacionarem-se de algum modo nos procedimentos, como essa tripartição poderia sugerir, mas de um todo olhado e postulado pelo artifício dessa redução sobre a qual o discurso do papel da universidade assenta-se no momento, adotado pela facilidade de entendimento sugerida dessa dimensão institucional.

O ponto essencial a ser exposto: o conhecimento não é considerado aquele produzido por procedimentos internos à universidade e fechado sobre suas práticas, mas o decorrente do atrito, do contato, do crescimento mútuo que vem

FAUUSP), pôde-se conhecer situações bastante interessantes, e contrastantes, em deslocamento transversal pelo relevo de vales e morros, que incluiu trilha por remanescente de mata nativa, áreas de posse, bares tradicionais na região, associações comunitárias e até mesmo uma imprevisível nascente, para quem passa pela avenida Corifeu de Azevedo Marques, substancialmente preservada e sob risco de comprometer-se por projeto de urbanização, entre outros aspectos.

A última atividade prevista diferia também das anteriores. Foi uma conversa em roda,

com a experiência e vivência da cidade, a partir do entendimento da “*paisagem como experiência partilhada*”¹⁵ (SANDEVILE JR., 2005). Nesse sentido, a paisagem, mais do que forma, ou morfologia, a qual também o é secundariamente, é uma condição essencial do ser do homem no mundo¹⁶.

A pesquisa é um processo contínuo de produção, sucessivamente redirecionada a partir dos eventos, experiências e maturações em curso. O **objeto** é tanto a universidade e suas práticas quanto a cidade e suas práticas. **Sujeitos** são todos os envolvidos, com convergências ou não, projetos diferentes e perspectivas de conhecimento diversas. É nesse fluxo constante que esperamos construir o conhecimento enquanto processo e o ensino-aprendizagem enquanto experimentação.

Dito de outra forma, esse projeto de pesquisa procura a cidade como espaço de experimentação e aplicação empírica do ensino¹⁷, para aproximar e confrontar o conhecimento produzido na universidade em sua experiência didática, do cotidiano e das contradições do processo de construção do espaço urbano. Este sim, espaço urbano e cidade, agora postulado como o espaço e lugar efetivo de aprendizagem, produção de conhecimento e formação do arquiteto e urbanista.

Trata-se, evidentemente, de um questionamento da inserção social da universidade, e de suas práticas. Não porque essa esteja fora da realidade como, por vezes, é dito (o que, obviamente, é uma assertiva insustentável), mas porque a *realidade* do que se faz aqui “dentro” distancia-se da *realidade* dramática e das urgências nas quais se inscreve tão alheia.

Devo ressaltar que não se trata de uma forma de empirismo, de qualquer modo de suposição de antecedência da experiência sobre o conhecimento, nem de antecedência do conhecimento sobre a experiência. Dão-se, ambos, em atritos, em dimensões de racionalidade e subjetividade, individualidade e de coletivo, tentativos, *trajectivité*, na acepção de Berque¹⁸. A distinção entre experiência e conhecimento e entre conhecimento e experiência¹⁹ é tão insustentável como aquela entre **sujeito** do conhecimento e **objeto** da pesquisa²⁰.

Por hora, basta-me reconhecer que não há conhecimento ou objetividade na separação sujeito-objeto, mas a “**construção do objeto**”²¹ implica também uma “**reconstituição**”²² do sujeito em sua interação de conhecimentos e práticas. De modo que o “objeto” não ficará pronto, senão como constituição de novas questões de investigação, novas necessidades, a emergirem de um processo contínuo de conhecimento²³. Agrega-se a essa dificuldade, reduzida aqui a sujeito-objeto, que não se trata apenas dessa razão bipolar, mas de sujeitos e objetos, portanto ambientes, nos dois termos, daí a noção de fluxo, de trânsito, de contato. Nesse sentido, nosso “objeto”, conforme postulado antes, **é tanto a bacia do Pirajussara**²⁴ quanto **é a universidade**.

A idéia de fluxo, *trajectivité*, no momento, seduz-me por parecer um pouco mais adequada para indicar a natureza íntegra desse processo. Mas teremos de ir além, embora, por hora, seja possível reconhecer que esses fluxos e processos abertos (no sentido acima, em uma perspectiva crítica) são **não-analíticos** (decomposição e classificação) e **não-sistêmicos** (precedência, hierarquia e estrutura²⁵, funcionalidade, etc.).

Trata-se de assumir a cidade como o espaço fundamental do ensino-aprendizagem, criando imbricações, flexibilidades, fluidez, entre a sala de aula,

o espaço coletivo de sua apresentação na escola (o ambiente no qual nos reconhecemos) e o ambiente no qual nos inserimos²⁶. A partir disso, discutir nossas estratégias, as estruturas que as suportam, experimentando alternativas fundadas em uma pesquisa que é também ação, prática.

Desse modo, o Fórum Permanente da Bacia do Pirajussara foi pensado como uma das estratégias de conhecimento e debate, iniciando o confronto de posições diversas sobre a construção da cidade e, simultaneamente, a reflexão sobre o papel da universidade, inserida nas contradições da produção social do espaço, advindo daí aprofundamentos para a renovação de seu projeto de “ensino, extensão e pesquisa”. E, por que não reconhecer, institucional.

A inserção de cada um de nós em inúmeras estruturas em que se reparte a ação e gestão da universidade exigirá, ainda, uma reflexão muito maior sobre o sentido de nossas práticas. Como resultado imediato, o fórum mobilizou uma participação que considero expressiva de moradores e, segundo seus depoimentos, teve um papel importante em sua capacitação para pensar e organizar as ações, e mesmo entender melhor algumas das questões com as quais se defrontam.

Por essa razão, as de sua concepção e sua eficácia perante parte dos objetivos que o motivaram explanados acima, mas sua ineficácia perante outra parte (uma baixa participação de alunos), sem a qual seu sentido teria de mudar, o processo se desdobrará em outras atividades previstas em 2007, como novas edições desse formato (fórum, mediante parcerias ou questões a justificarem a organização de módulos subseqüentes), associadas à pesquisa-ação e ao oferecimento de disciplinas (prevista para o primeiro semestre a AUP-5810, Paisagismo, com a temática paisagens como experiências partilhadas, no programa de pós-graduação²⁷). Esperemos por ver o que conseguiremos, quais as razões que se evidenciarão no processo, quais significações devemos extrair e chamar à discussão.

A todos que contribuíram para a realização deste fórum registramos, mais uma vez, nossos agradecimentos.

NOTAS

(1) Formado pelos professores Clíce Sanjar Mazzilli (vice-coordenadora), Eduardo Nobre, Euler Sandeville, Eugênio Queiroga, Fabio Mariz (coordenador), João Sette Whitaker, Mônica Junqueira, Nuno Azevedo.

(2) Os fóruns e o projeto de pesquisa, referidos na seqüência do texto, estão sob coordenação do professor Euler Sandeville.

(3) Os contatos foram inicialmente realizados por Débora Teixeira (Bacias Irmãs), por meio da qual representantes de algumas associações, e em nome da União Butantã, solicitaram-nos a realização de um Fórum da Paisagem sobre a Operação Urbana Vila Sônia, o que foi convergente com a intenção de adotar, como referência para um projeto de pesquisa do laboratório, a bacia do Pirajussara. A partir daí, realizamos algumas reuniões, com participação de representantes da AMAPAR (Lucia Campos, Aline Sassahara, Evangelina de Oliveira, Sergio Reze) e da ASSEC (Marcia Vairoletti). A seguir, ampliou-se o diálogo com a União Butantã. Na organização do fórum, prestaram contribuição direta Lucia Campos, Aline Sassahara e Sergio Reze, respondendo a inúmeras solicitações e questionamentos que lhes apresentei, em especial, na organização da errância urbana. Em decorrência do fórum, e também da plenária de apresentação da Operação Urbana, esse grupo se tornou bem mais inclusivo, como se mostra pelos participantes convidados para integrar as mesas de debates, gerando uma percepção muito mais rica e diversificada das texturas existenciais e políticas em torno dessa problemática.

(4) Disponível no site do Laboratório do Espaço, em: < <http://www.ambiente.arq.br/espaco/> >.

(5) Organizado pelos professores Hugo Segawa e Euler Sandeville, e apresentação pelo Land. Arch. Christian Tschumi (EUA) e Euler Sandeville.

- (6) No âmbito de projeto de praça que integrou uma disciplina optativa de graduação e uma de pós-graduação, em parceria com a subprefeitura do Aricanduva. O fórum, organizado pelos professores Euler Sandeville e Fabio Mariz, discutia dificuldades no desenvolvimento do trabalho, que assim era aberto à escola, contando com apresentações da assessoria da subprefeitura, dos professores Vladimir Bartalini e Eugenio Queiroga e do arquiteto Fabio Robba.
- (7) O Fórum Paisagens da Resistência foi organizado pelo professor Euler Sandeville, com apresentações do professor Philippe Gunn, do arquiteto paisagista Raul Pereira, e do artista Roberto Bonino. Foi publicado na revista *Pós*, SANDEVILLE JR e GALENDER, 2005.
- (8) Realizado e organizado pelos professores Euler Sandeville e Paulo Pellegrino, em parceria com o NAPPLAC e o LABPARC, com apresentação do arquiteto paisagista Nathaniel Cormier (EUA).
- (9) Organizado pelos professores Euler Sandeville e Sueli Furlan em torno dos 20 anos de tombamento da Serra do Mar, em parceria com o Laboratório de Climatologia e Biogeografia (FFCHL) e no âmbito da disciplina ICA 5754 – Potencialidade e Gestão da Paisagem, com apresentação do professor Aziz Ab' Saber.
- (10) Organizado pelos professores Catharina Lima e Eugênio Queiroga no âmbito da disciplina optativa AUP 657 – Paisagismo: Sistemas de Espaços Livres, que enfrentou projeto participativo em parceria com assentamento do MST, em colaboração do LABESPAÇO/LABPARC.
- (11) Rigorosamente, seria incorreto o emprego do termo deriva, e seria melhor, como penso doravante, manter o termo que utilizava originalmente de errância: *“El azar juega en la deriva un papel tanto más importante cuanto menos asentada esté todavía la observación psicogeográfica. Pero la acción del azar es naturalmente conservadora y tiende, en un nuevo marco, a reducir todo a la alternancia de un número limitado de variantes y al hábito. Al no ser el progreso más que la ruptura de alguno de los marcos en los que actúa el azar mediante la creación de nuevas condiciones más favorables a nuestros diseños, se puede decir que los azares de la deriva son esencialmente diferentes de los del paseo, pero que se corre el riesgo de que los primeros atractivos psicogeográficos que se descubren fijen al sujeto o al grupo que deriva alrededor de nuevos ejes habituales, a los que todo les hace volver constantemente.”* (DEBORD, 1958). Isso porque a deriva dos situacionistas assenta-se em sua psicogeografia, com certas intenções quase metodologicamente definidas. A errância, como a entendemos, se compraz tanto no acaso quanto em um planejamento preliminar, aceitos a distração, o encantamento e a descoberta, e convida a alguma perda de si mesmo, no limite. O que dificultaria a perspectiva de que o acaso, fora de uma observação e do registro “psicogeográfico”, seja simplesmente uma experiência conservadora e inserida em um hábito, o que, entretanto, poderia ser dito do saudável ato de passear. A errância, como a deriva, não é um ato de passear habitual, na medida em que jogam certos compromissos críticos nessa vivência.
- (12) DEMO 2004: 43 entende que a pesquisa participante *“busca a identificação totalizante entre sujeito e objeto. A população pesquisada é motivada a participar da pesquisa como agente ativo, produzindo conhecimento e intervindo na realidade própria. A pesquisa se torna instrumento no sentido de possibilitar à comunidade assumir seu próprio destino”*. O autor segue por considerações de ordem ideológica que, entretanto, julgamos necessário discutir melhor, interrompendo a citação naquele ponto.
- (13) A problematização inserida neste relato anima o fórum e a proposta de pesquisa, em seu atual estágio, é muito pessoal, e não cabe a meus colegas, ou mesmo aos parceiros na organização de quaisquer das atividades do fórum, qualquer responsabilidade sobre essa formulação. Ainda que, talvez, possamos compartilhar aspectos dessa via, podemos também discordar de inúmeros outros, sem que isso, em si mesmo, comprometa os enunciados essenciais os quais buscamos, mas ainda não construímos.
- (14) Mas a essa tricotomia nobre de nossa prática universitária devemos reconhecer uma quarta “parte”, a expressar-se por administrativa, mas que ficaria melhor reconhecida como institucional, da qual as anteriores não são autônomas.
- (15) Partilhada, significando esferas de subjetividade e intersubjetividade, de desejos e de sociabilidade, na experimentação e construção do espaço, mas também de um espaço socialmente construído em que se desenrola o cotidiano, como força transformadora.
- (16) Mundo, nesse sentido, como formas de ordenação e representação humanas.
- (17) Há um questionamento nessa formulação, posta em contradição com a experiência de ensino, fundada na simulação lúdica reclusa no ateliê e na produção de conhecimento centrada no gabinete (seja ele o ateliê, a biblioteca, a sala de aula ou do laboratório). Não no sentido de recusá-los, mas de reconhecer limites e riscos do que pode proporcionar. São necessárias outras motivações para o ensino, sobretudo no âmbito de uma universidade pública.
- (18) Termo empregado por Auguste Berque: *“I have have been using the concept of trajectivity since 1985 in order to express that the relationship of a society with its environment cannot be understood within the frame of dualism. This relationship, which I call a human milieu (fuudo), is neither purely objective, nor purely subjective. It is trajective.”* Disponível em: <<http://wwwsoc.nii.ac.jp/paj2/abstract.html>>. Também em BERQUE, 2000.

(19) A questão é bastante ampla e intrincada, e passamos pelas discussões entre processos indutivos e dedutivos na constituição do conhecimento científico, conforme proposto por POPPER, 2003. Não seria insatisfatório reconhecer um possível “método abduutivo”, no sentido que apresenta Lucrécia Ferrara para abdução: *“Entretanto, essa postura não é idealista ou ingenuamente anarquista, pois, embora ultrapasse o rigor indiscutível das posturas dedutivas, supõe a necessidade de que um corpo de conceitos gerais seja, dinamicamente, reconceituado dentro de um amplo corpo de experiências, que estabelece, entre as idéias, um novo sistema de relações. Cria-se uma fresta entre o conhecimento acumulado e teoricamente fixado e a intrigante postura que estabelece, para o cientista, uma relação interrogativa com a experiência. A combinação entre os dois aspectos, dedução e abdução, nos leva à informação nova, ou seja, ‘associar o que nunca, antes, pensáramos associar’”, aí, a descoberta de hipóteses explicativas é proporcional à capacidade de ver a realidade como um estímulo que aguça a curiosidade.*” (FERRARA, 1999, p. 159; a nota indicada no texto da autora é uma citação a Peirce). Mas ainda resta estabelecer um pensamento mais acurado sobre o sentido de experiência, tal como indicado por POPPER (2003) para o procedimento dedutivo da ciência, tal como seria em uma possibilidade “abduitiva” mencionada por Ferrara (1999) e o sentido ao qual (entendo melhor) me refiro, existencial. O que leva a leituras como Morin (1997) e Critelli (1996) e a muitos outros autores, procurando compreender melhor a experiência, a subjetividade e a complexidade no conhecimento acadêmico, e a uma forte influência da arte, bem mais difícil de discutir. Mas se deve reconhecer toda uma tradição de estudos das mentalidades, do cotidiano e da memória, que converge a uma possibilidade de questionamento da estrutura e da natureza do conhecimento. Pontos cujo desenvolvimento demanda estudos aprofundados.

(20) Observa Miranda Magnoli sobre esse assunto: *“Dois campos distintos de conhecimento atribuíram à filosofia o problema do homem que reflete sobre si – sujeito, ego cogitans – e à ciência o problema dos objetos que se encontram no espaço – res extensa. Enquanto a filosofia, cada vez mais reflexiva, estudou o homem que procura se conhecer, o conhecimento científico excluiu o sujeito do objeto do seu conhecimento. Os métodos adotados (experimental, por observação, especialização, conseqüente fragmentação e posterior desintegração das vidas das sociedades, dos homens, de suas subjetividades) foram conformes às atribuições e acabaram por operar a ruptura que, de certa forma, fora preconizada. Chega-se ao paradoxo do homem desaparecer nas ciências humanas: exemplar nesse sentido é a ciência econômica: ela parece não ter necessidade da noção do homem ! Morin ao elaborar e apresentar os problemas decorrentes da ruptura entre ciência e filosofia, argumenta com veemência contra o que denominou ‘princípio da simplificação’⁴². Considera de terrível eficácia a inteligência oriunda do pensamento simplificador: ‘atirando o complexo nas latas do lixo, sustentando o quantificável e o algoritmável, isolando seus objetos e comprometendo as experimentações, ela permitiu e desenvolveu a manipulação de inúmeras vitórias técnicas, ignorando contudo os efeitos perversos que elas podem engendrar’⁴³. A simplificação usada ainda tem por base o mito da conquista da natureza e do domínio do homem sobre o Universo. Nos sistemas racional-empíricos clássicos se raciocina com a indução⁴⁴ e a dedução⁴⁵; ao se limitar à dedução e indução põe fora o que opera com a invenção e a criação (‘abdução’ de Pierce⁴⁶); fortalece-se o pensamento linear com sua lógica aditiva, não se concebem e/ou não se incorporam as transformações qualitativas, as emergências, a ambigüidade, a contradição. Morin procura resgatar os princípios da inteligibilidade complexa, do acaso, da heurística, (ciência dos estágios do pensamento criador, constatação de que os mecanismos de geração de idéias nas diversas áreas do conhecimento são similares).”* MAGNOLI, 2006, p. 15 (foram mantidas, mas não reproduzidas, as notas de rodapé indicadas no texto da autora).

(21) Em hipótese alguma, aqui, o objeto é um dado objetivo do problema da investigação. Em hipótese alguma, aqui, constrói-se o objeto *a priori*, senão no processo de investigação. O que traz implicações sobre delimitações, construção de quadros de referências e procedimentos, entre outras.

(22) O termo reconstrução me pareceu mais promissor, mas não por isso seguro, do que “reconstrução”, para indicar que se trata de um processo complexo, no qual reconstrução poderia induzir a equívocos maiores, facilitando uma comunicação rápida da idéia.

(23) Processo e continuidade não-lineares, cuja tônica é a transformação, a partir de um referencial sucessivamente repensado. A transformação, além de seletiva, não estabelece apenas mudanças ou inovações (quando se pensa ser esse o caso), mas estabelece também permanências que vão sendo resignificadas ou reafirmadas nesse processo.

(24) Com implicações decorrentes desse recorte, a pressupor uma concepção integrativa de escalas de espaço-tempo, histórico, portanto, e de modo algum pressupõe, na fisiografia, um valor maior do que outros para processos de entendimento e intervenção.

(25) A noção de fluxo aberto e outras são comuns nominalmente à teoria sistêmica, que fornece suas contribuições importantes, mas utilizamos esses termos fora desse “paradigma”, ou seja, sem pensar uma “abordagem sistêmica”. O significado que atribuímos a fluxo, ao lembrarmos Berque, é assim distinto do que poderia constar na teoria dos sistemas, na medida em que o referencial é bastante distinto.

(26) Essas mediações não podem ser meramente teorias transmitidas e simulações, sob o risco de distorções graves. É a mesma distância entre idealização e a insatisfação de sua realização, entre a insatisfação presente e a possibilidade de satisfação futura sempre remetida a um outro momento, que tantas vezes se nota nos processos de discussão da prática universitária. Distância a qual, não raro, converge a uma solução de estrutura de curso ou didático-pedagógica – uma de suas formas de expressão institucional que, ao mesmo tempo em que se propõe necessária, facilmente emudece as angústias do *vir-a-ser-fazendo*. Mais grave, porque não se pensa o vínculo entre essas realidades da universidade e sua inserção social, com as práticas de construção do espaço.

(27) Disponível durante todo o primeiro semestre de 2007 no site do autor, em: <<http://www.ambiente.arq.br>>, seção Disciplinas, Pós-Graduação 2007.

BIBLIOGRAFIA

BERQUE, Augustin. Urbs dat esse homini! La trajectivité des formes urbaines. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Coord.). *Paisagem e arte. A invenção da natureza, a evolução do olhar*. São Paulo: CBHA, 2000.

CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do sentido. Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996.

DEBORD, Guy. Teoría de la deriva. Internacional Situacionista, n. 2, dez. 1958. Disponível em: Linguagens: <<http://www.linguagens.ato.br>>, n. 4, Internationale Situationniste, n. 2.

DEMO, Pedro. *Pesquisa participante. Saber pensar e intervir juntos*. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Olhar periférico. Informação, linguagem, percepção ambiental*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1999.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Um panóptico, metamorfoses e paisagem. In: KAHTOUNI, Saide; MAGNOLI, Miranda Martinelli; TOMINAGA, Yasuko. *Dicutando a paisagem*. São Carlos: RiMa, 2006.

MORIN, Edgar. *O método. 1. A natureza da Natureza*. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Edições Europa-América, 1997.

POPPER, Karl R. *Conjecturas e refutações*. Tradução de Benedita Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2003.

SANDEVILLE JÚNIOR, Euler. Paisagem. *Paisagem e Ambiente: Ensaios*, São Paulo: FAUUSP, n. 20, p. 47-59, 2005.

SANDEVILLE JUNIOR, Euler; GALENDER, Fany. Fórum da Paisagem: Paisagens da Resistência. Revista *Pós*, São Paulo, v. 18, p. 164-168, 2005.

Sites:

<http://www.ambiente.arq.br>, <http://www.linguagens.ato.br>; <http://www.ambiente.arq.br/espaco/>, <http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa>; <http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens>

Euler Sandeville Jr.

Arquiteto e urbanista (FAU-PUCCamp, 1981), arte educador (Belas-Artes, 1984), especialista em ecologia (FSJT, 1996), mestre e doutor em arquitetura e urbanismo e coordenador da área de concentração Paisagem e Ambiente do curso de pós-graduação da FAUUSP, coordenador do programa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM-USP), membro do Laboratório do Espaço (FAUUSP) e do Laboratório de Políticas Ambientais (PROCAM-USP).
e-mail: projetos@ambiente.arq.br